Antiguidades Indigenas do Ceará

Carlos Studart Filho

OBJECTOS DE PEDRA

(Continuação)

Proseguindo na tarefa ha annos iniciada e logo depois interrompida (1), tarefa que consiste em enumerar e estudar os artefactos indigenas colhidos em territorio cearense, trataremos aqui de certos utenseis que serviam, segundo toda a evidencia, para esmigalhar cereaes, fructas e tuberculos.

Mais tarde, examinaremos as pontas de flechas, os cachimbos e os diversos adornos honorificos.

A analyse da ceramica será, como ficou dito, reservada para um capitulo especial.

MÓS (**meule fixe ou dormente**, de De Mortillet). **Fórma.** As mós cearenses, quer as recolhidas ao Museu Rocha (fig. 5, n.° 352), de Fortaleza, quer as pertencentes á Collecção Baltar (fig. 2, n.° 3), do Acarahú, são sempre pequenas e de feitura rudimentarissima.

A' semelhança de instrumentos de identica natureza, procedentes da provincia de Cordova, na Argentina,

---

(1) Vêde "Revista do Instituto do Ceará". Tomo XLI, anno de 1927.

e cuidadosamente descriptos pelo snr. Francisco de Aparicio, em interessante trabalho sobre archeologia sul-americana, (2) são constituidas por um simples pedaço de lage grosseiramente desbastado e deprimido na parte media de uma ou de ambas as faces.

Uso. O modo de trabalhar com as mós era dos menos complicados, conforme se póde deduzir das observações feitas entre numerosas tribus sul-americanas. O selvicola tomava primeiramente uma pedra de superficies planas e sobre uma dellas collocava os grãos, que eram, a seguir, esmagados com a ajuda de um calhau qualquer. O calhau agia no caso como um mero pistillo, a rolar sobre o gral, num movimento rythmico de vaivém. Do attrito, necessario á trituração da substancia depositada na mó, resultava corroerem-se a pouco e pouco ambas as pedras; na inferior, creava-se uma depressão, que crescia e aprofundava com o tempo; na superior — **meule mobile**, de De Mortillet — desappareciam todas as arestas, adquirindo ella uma forma ovoide ou cylindrica, de certo modo caracteristica.

ALMOFARIZES DE FUNDO DE CANÔA — Os almofarizes de fundo de canôa (3), descobertos no Ceará, são, como aliás todos os outros artefactos de igual procedencia, producto de arte ainda muito incipiente. Seu lavor é, porém, bem mais apurado que o das mós.

Sob o n.º 3, fig. 3, acha-se representado um almofariz desse genero; foi encontrado no municipio de Acarahú e faz hoje parte da Collecção Baltar.

---

(2) Francisco de Aparicio — "Investigaciones arqueológicas en la región serrana de la Provincia de Cordova". "Gaea" n.º 1, 1925.

(3) A denominação de almofariz de fundo de canôa, aqui empregada, não nos pertence originariamente. O primeiro a usal-a foi o Pe. Tastevin em referencia a utensilios de madeira, de fórma semelhante, feitos pelos indios do Amazonas. Della nos servimos agora, por julgal-a perfeitamente adequada ao objecto descripto.

Sua semelhança com os almofarizes figurados por Ladislau Netto, no vol. VI dos "Archivos do Museu Nacional" (pags. 508 e 509), é flagrante. Trata-se de um pequeno bloco de granito, no qual se vê, feita artificiosamente pelo indio, uma cavidade de superficie perfeitamente polida e regular e de secções transversaes ellipticas.

Muitos ethnographos, ao estudarem as mós, e os almofarizes a que chamamos **de fundo de canôa,** usam descrevel-os conglobadamente, levados, talvez, pelo facto de apresentarem ambos uma depressão e de se destinarem ao mesmo fim, sendo seu manejo identico. Não julgamos acertado semelhante modo de proceder. A mó é, como dissemos, mais grosseira sempre do que o almofariz; é um fragmento de lage arrancado a qualquer rocha aflorada e que se pode confundir facilmente com uma simples pedra de amolar. O almofariz, ao contrario, denuncia, na sua feitura, o labor humano cuidadosamente orientado.

A area de distribuição dos almofarizes e das mós é, no Brasil, extremamente ampla. Mais achadiços no sul do que no norte da Republica, elles abundam nos sambaquis de Santa Catharina (Ladislau Netto e Wiener), do Rio de Janeiro e Districto Federal (Ihering), de S. Paulo (Ihering e Rath), do Paraná (Ch. Rath) e do Rio Grande do Sul (Ihering). Apparecem igualmente no interior do Districto Federal (L. Netto). No norte do Brasil, têm sido descobertos no Amazonas (L. Netto), no Ceará e, finalmente, nos sertões da Bahia (Bernardino de Sousa).

Fóra do nosso paiz, ha-os tambem em numero bastante avultado nos **Mounds** da America do Norte, nos Pueblos, no Perú, Bolivia e Argentina.

GRAES. Os artefactos indigenas a que nomeamos graes (n.° 137, fig. 2, e n.° 418, fig. 5) pertencem, como bem indica sua designação, á classe dos almofarizes de

pedra. São muito mais escavados do que os almofarizes de fundo de canôa e têm a bocca circular ou apenas ligeiramente elliptica.

Figura 5. (+ 1/6 gr. nat.)

120—Alguidar (?) de gneiss — Russas.
352—Mó escavada no arenito pelo attrito do pilão — Fortaleza.
429—Disco de granito — Jaguaribe-Mirim.
418—Pequeno gral cupuliforme de diorito — Fortaleza.
420—Moleta ou mão de gral de granito — Fortaleza.

O especimen n.° 418 é digno de interêsse e de estudo. A regularidade de sua fórma e a delgadeza ex-

trema de suas paredes, fazem delle uma peça de rara belleza. Suas dimensões são as seguintes: eixo maior da bocca, 15 cm.; eixo menor, 11 cm., altura do fundo, 17 cm.

Comparado com os almofarizes cylindricos, encontrados nos sambaquis do sul do paiz — o que figura com o n.º 508 nos "Archivos do Museu Nacional", por exemplo — e mesmo com os **morteros** oriundos da provincia de Cordova, na Argentina, o utensilio cearense parece antes uma grande e artistica terrina.

Dissemos, e não é demais accentuar novamente, que os almofarizes, os graes e as mós serviam para esmagar os grãos, os tuberculos e as fructas reservadas ao preparo de bebidas fermentadas e ao fabrico de farinhas e bolos alimenticios. O uso desses artefactos ia, porém, mais longe. Os indios delles se utilizavam tambem para triturar certas sementes oleaginosas e os corantes mineraes (peroxydo de ferro) e vegetaes (sementes de urucú, carvão vegetal, etc.), com que se pintavam nos dias de festividade da tribu.

DISCOS. **Uso.** Para moer grãos, tuberculos e fructas e pulverizar corantes vegetaes e mineraes, os nossos selvagens utilizavam tambem artefactos de pedra, semelhantes aos que figuramos sob o n.º 427, da estampa 5, e n.º 1, da estampa 3. Só assim é possivel explicar-se a existencia de taes objectos no Ceará.

A' maneira do que faziam certos gentios do Rio Negro, elles deviam superpôr um ao outro dois discos e entre elles collocar o corante, que era reduzido a pó, pela pressão exercida sobre o disco superior. A pedra n. 427, de propriedade do director do Museu Rocha, mede 5 cm. de espessura e 20 cm. de diametro. Provem do Jaguaribe-Mirim. O outro é oriundo do municipio do Acarahú.

Discos iguaes aos cearenses foram encontrados nos sambaquis do Amazonas, por Carlos Hartt (4) e por Fer-

(4) "Contribuições para a ethnologia do Valle do Amazonas". "Archivos do Museu Nacional", vol. VI, pag. 7. Rio, 1885.

reira Penna, e nos ostreiros de Iguape, Estado de S. Paulo (Ihering).

No Museu Goeldi, do Pará, vimos, figurando com o n.º 13348, um bellissimo disco de pedra, que pertenceu aos indios macuchys, do Rio Negro.

PILÕES. **Fórma e dimensões.** Os pilões indigenas, que chegaram até nós, têm, em geral, a fórma de um cylindro ou de um cone muito alongado e são talhados em pedra extremamente rija. Medem de 7 a 38 cm. de comprimento, por 15 a 17 cm. de circumferencia, nas bases.

O pilão n.º 420, da fig. 5, pertencente ao Museu Rocha, está dentro das dimensões apontadas; alcança aproximadamente 37 cm. de comprimento e 17 cm. de circumferencia. E' feito de gneiss.

Uso. As moletas (5), sobretudo as de pequenas dimensões, deviam ter o prestimo de despedaçar os grãos cereaes. Seu manejo era certamente igual ao das mãos de pilão ainda em uso entre nós. Depois de a ter agarrado fortemente, o indio levantava-a em linha vertical, para, em seguida, fazer cair com força uma de suas extremidades sobre a substancia depositada no almofariz.

Essa maneira de utilizar o pilão de pedra cylindrico, dada a sua singeleza, devia ser naturalmente a mais seguida entre os indigenas brasileiros.

O douto Theodoro Sampaio, vulto de incontestavel valor em assumptos referentes á prehistoria brasilica, opina differentemente. Com o peso de sua autoridade de observador de largo tirocinio, elle assegura que a mulher indigena, para se servir de um pilão triturador de pedra, tomava-o com a mão esquerda pela parte superior e, com a mão direita, segurando-o pelo meio, imprimia um movimento rotatorio á parte inferior, o que bastava, segundo elle, para, ao peso da propria peça, triturar o conteúdo do pilão ou gral. Accrescenta ainda

(5) Os pilões são tambem conhecidos por socadores, moletas, trituradores, pistillos e mãos de gral.

que com isso conseguiam as indias effeito tão satisfatorio como o oleiro com a mó do moinho mais perfeito.

O parecer emittido pelo sabio bahiano no tocante á excellencia da farinha obtida pelos selvicolas com a ajuda exclusiva de seus toscos utensilios de pedra, afigura-se-nos um tanto exaggerado. Inclinamo-nos antes a pensar que, por processos tão primitivos, elles só poderiam grangear um producto assaz imperfeito, no genero do que é adquirido em nossas casas com o antiquado pilão de madeira.

Parece-nos tambem duvidoso que o modo de manejar o pilão, assignalado por Theodoro Sampaio, fosse mesmo o seguido pelo gentio cearense. O esforço continuado para fazer girar circularmente a ponta da moleta, é bem maior e de rendimento inferior ao empregado para suspendel-a intermittentemente e deixal-a cair sobre os grãos ou sementes.

Ora, o indio, indolente e perspicaz como é, não iria, por certo, dar preferencia a um processo que demandasse delle maior somma de trabalho.

Em favor da opinião por nós acima enunciada, milita ainda o facto seguinte: lançada constantemente de encontro ás paredes do gral, pelo movimento rotatorio, que lhe imprimiria o indigena, a extremidade da moleta, roida pela roçadura, tomaria cedo uma fórma arredondada, semelhante á dos pistillos de louça e de vidro usados nos laboratorios chimicos e nas pharmacias. E essa fórma de pilão — que deveria ser commum, se verdadeiro fosse o pensar de Sampaio — é, ao contrario, inexistente entre nós. Por mais cuidadosas e pacientes que fossem as indagações feitas, não lográmos, com effeito, achar no Ceará um unico exemplar de pilão que tivesse a configuração dos pistillos de pharmacia.

Distribuição. Ha pilões em grande copia por todo o Brasil. Muito communs nos museus de S. Paulo (Ihering) e Rio de Janeiro (L. Netto), elles existem profusamente disseminados na Bahia (Th. Sampaio e Bernardino de Sousa), no Rio Grande do Sul (Ihering, Paldaof e Schupp), nos sambaquis de S. Paulo e Paraná (Ch.

Rath e Wiener), e nos estados do Espirito Santo e Paraná (Simoens da Silva).

Algumas dessas moletas são notaveis pelo seu tamanho. O especime oriundo da Feira de Sant'anna, que Hermann von Ihering affirma ter visto na Collecção Barreto, mede 1m,38 de comprimento e 14 cm. de circumferencia.

Outro pilão de dimensões fóra do commum existe no Museu Simoens da Silva, do Rio de Janeiro; tem 1m,39 de comprimento por 17 cm. de circumferencia na parte mais grossa. Provem igualmente da Bahia e pesa 6 640 grs.

Simoens da Silva descreveu o referido objecto em substanciosa memoria apresentada ao XX Congresso de Americanistas (6).

Já que tratamos aqui de grandes pilões de pedra, parece interessante registar que o Museu Paulista possue pilões até de 62 cm. e que na collecção archeologica do Instituto Historico Brasileiro se conserva uma dessas pedras cylindricas de diabase, que pesa 5.850 grs. e mede 61 cm. de comprimento.

De proporções avantajadas são ainda os dois objectos mencionados por Paldaof em um dos seus artigos relativos á archeologia do Rio Grande do Sul. Um delles, achado no sambaqui de Torres, tem 90 cm. de comprimento; e o outro, de origem incerta, attinge 67 cm. de comprimento e 30 cm. de circumferencia.

No Ceará, grande é o numero de utensilios desse genero, existentes em collecções ethnographicas e mesmo em mãos de simples particulares. Só o Museu Rocha possue cerca de 64 exemplares.

---

(6) Ha um accentuado ar de familia entre o pistillo de propriedade do Snr. Simoens da Silva e as três peças lithicas descobertas em Hernandeiras, que Antonio Serrano representa em seu trabalho intitulado **"Un nuevo tipo de instrumento de pedra del littoral argentino"**, vindo a lume na Revista de la Sociedad "Amigos de la Arqueologia". Tomo IV, Montevideo, 1925. Isso vem mostrar, mais uma vez, a enorme diffusão dos socadores na America.

Tal abundancia, que contrasta frisantemente com a escassez de graes, almofarizes e mós, aqui encontrados, induz-nos a acreditar que os nossos gentios utilizavam-se tambem, para fabricar suas farinhas, de graes feitos de madeira ou até de pilões simplesmente escavados nas faces planas dos lagedos, processo muito seguido por algumas tribus primitivas da Guyana brasileira, do Brasil meridional (B. Calixto), e mesmo da Argentina (Aparicio, Lehmann Nitsche e Ameghino).

A hypothese acima enunciada, segundo a qual os indios cearenses se serviam de pilões escavados nas rochas afloradas, acha-se estribada nas descobertas archeologicas do Snr. Melchiades Borges.

Esse pesquisador assegurou-nos ter encontrado na Serra de Baturité, no sitio chamado Pau d'Arco, e em Cangaty, graes abertos em morros de gneiss, sendo que, proximo a um delles, havia um socador de pedra.

Tambem na Serra do Pindá, logar denominado Morro Furado, topou aquelle viajante com numerosos orificios, trinta pelo menos, cavados na pedra bruta pela mão do homem, orificios que lhe pareceram destinados a receber qualquer substancia a ser triturada (7).

Não temos dados seguros para affirmar peremptoriamente que os indigenas cearenses usavam pilões de madeira.

O facto de ser o emprego desses utensilios muito diffundido entre amerindios (8) dá foros de grande verosimilhança á nossa supposição.

Para explicar a existencia de tão grande numero de moletas no Ceará, deve admittir-se ainda que os primitivos selvicolas delles se serviam tambem á guisa de arma de guerra.

---

(7) As descobertas do Snr. Melchiades Borges foram, ultimamente, comprovadas pela chegada ao Museu Rocha de varios graes, semelhantes aos pilões de madeiras, entalhados em fragmentos de penedos (ns. 4, 5 e 6, fig. 6).

(8) Erland Nordenskiold, em seu ultimo livro sobre archeologia comparada, cita nada menos de 46 tribus indigenas que possuiam pilões de madeira.

Em nenhum dos chronistas antigos, que se occupam da terra cearense, vimos, cabe confessal-o, referencias justificativas de tal opinião. Ella é, todavia, plausibi-

Figura 6 — Graes e socadores de pedra

lissima e nos foi suggerida pelo exame de um pilão de diorito, pertencente á Collecção Studart (n.° 1, fig. 6). Mede a pedra em apreço 39 cm. de comprimento e tem uma das extremidades adelgada á feição de empunhadura, emquanto a outra se dilata como o bojo oval de uma clava.

Instrumento semelhante ao nosso encontra-se entre os artefactos indigenas do museu do Collegio de N. S. da Conceição, em S. Leopoldo.

Delle tratou o Pe. Schupp em trabalho publicado no "Annuario do Estado do Rio Grande do Sul", de 1904. No alludido escripto, ventilando problemas de palethnologia brasilica, affirma o padre que no Rio Grande os selvagens arranjavam facilmente seus almofarizes, cavando no chão pequenas covas e forrando-as de pedaços de couro (9).

E' possivel que os indios do Ceará usassem igualmente pilões assim improvisados. Observe-se, todavia, que, se tal pratica existiu aqui, nenhum vestigio deixou nos habitos dos caboclos, legitimos descendentes dos indios.

PEDRAS ELLIPSOIDAES (ns. 337 e 122, fig. 7). O Museu Rocha possue, a enfeitar-lhe os mostruarios, dois artefactos lithicos extremamente raros (10) e interessantes. Sua analyse deve caber tambem no presente capitulo, pois se trata muito provavelmente de utensilios domesticos.

Feitos ambos de gneiss, trabalhados com esmero admiravel, perfeitamente symetricos e bem polidos, têm elles a fórma aproximada de um grande charuto cujo alargamento se achasse justamente na porção media. Um mede 72 cm. de comprimento por 25 cm. de circumferencia, na parte dilatada, e veio de Pacatuba; o outro tem 71 cm. por 25 cm. e foi achado em Sebastião de Lacerda.

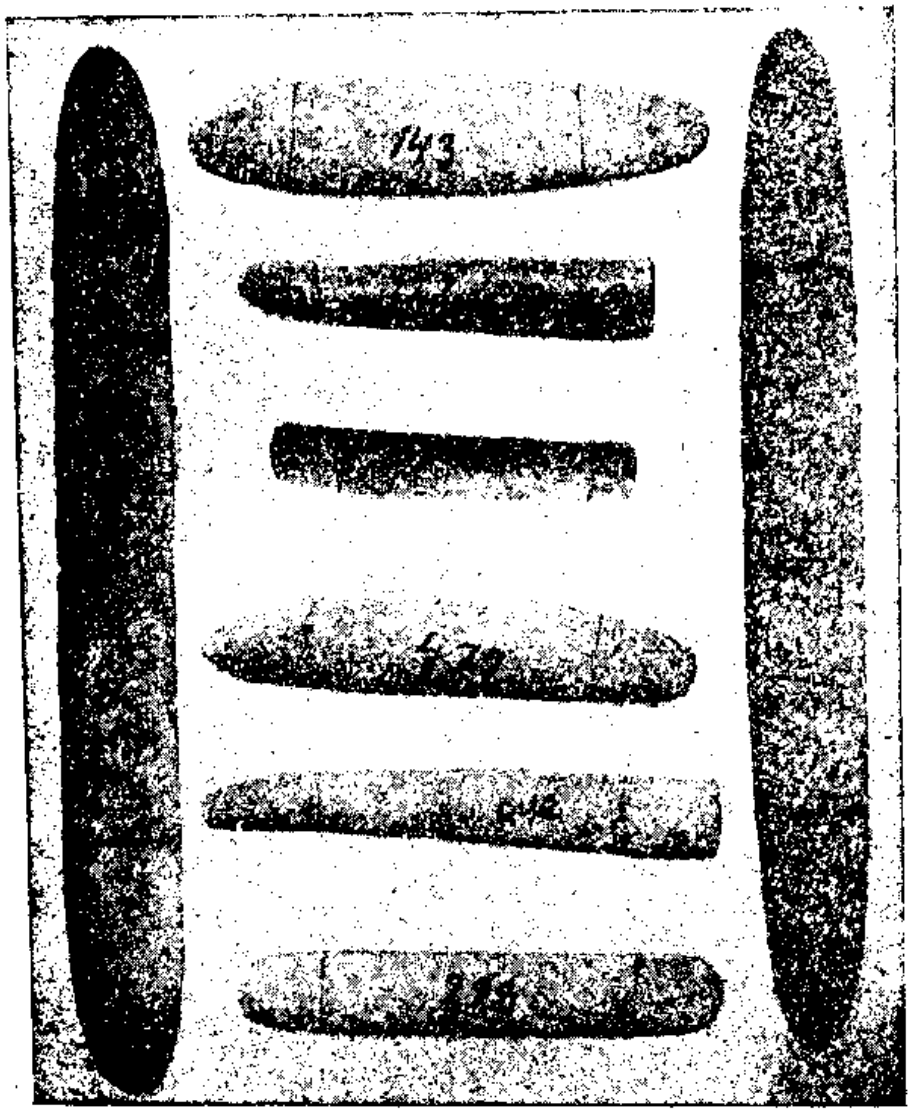
Para facilitar nosso estudo, chamal-os-hemos **pedras ellipsoidaes,** em falta de nome mais apropriado.

---

(9) Segundo Nordenskiold, o habito de preparar almofarizes escavando o solo, se vê tambem entre os **Ashlusley,** tribu do Gran Chaco argentino.

(10) São os unicos especimes de cuja existencia temos conhecimento no Ceará.

Uso. Precisar o emprego das pedras ellipsoidaes é empresa difficil, quiçá mesmo impossivel de realizar-se, no estado actual dos nossos conhecimentos de archeologia prehistorica do Brasil.



1
Figura 7. (+ 1/8 gr. nat.)

Pedras ellipsoidaes e varias moletas da collecção Rocha

122—Pedra ellipsoidal de gneiss — Pacatuba

337—Idem de gneiss — Sebastião de Lacerda

As chronicas, mesmo as mais abalisadas, são mudas acerca de tão interessante questão, e os modernos

viajantes, que tratam dos usos e costumes dos nossos gentios, nada adiantam nesse particular. Uma observação attenta dos objectos cearenses — unico meio que temos para elucidar esse problema — nos faz propensos a admittir que ellas eram pacificas mãos de gral, destinadas a esmagar fructos, grãos, etc.

Provavelmente os indios dellas se serviam á maneira do que fazem as nossas pasteleiras com o rodo, isto é, faziam-nas rolar para diante e para trás por sobre uma superficie lisa e horizontal, onde era collocado o alimento. A pedra inferior fazia então o papel de mó dormente ou fixa.

Objectar-se-ha, talvez, que ás mulheres da tribu competia o preparo dos alimentos e que o manejo de tão pesado instrumento cedo as estenuaria.

A objecção não procede. Segundo consenso quasi unanime dos chronistas, os primitivos brasis eram extremamente fortes e as mulheres nada lhes ficaram a dever em corpulencia e robustez.

Devemos accentuar que, em contrario ao nosso despretencioso parecer, ha um testemunho de não pequena importancia. E' o de Barbosa Rodrigues, escriptor patricio, que por largos annos perlustrou a Amazonia, observando os nativos e colhendo subsidios para o estudo da flora brasileira. Elle sustenta que alguns dos antigos aborigenes do Tapajós usavam nos combates clavas de pedra de fórma mais ou menos semelhante ás nossas pedras ellipsoidaes:

"Usavam para o corte de arvores de machados de varios tamanhos, assim como para a guerra, do arco, flechas hervadas, de massas de diorito com fórma de dois cones, unidos pelas bases".

Não nos sentimos com autoridade para pôr em duvida affirmativas tão cathegoricas. Todavia, o peso extraordinario das pedras ellipsoidaes e sua fórma absolutamente impropria a desferir golpes nos levam a pen-

sar que tal não era o fim principal desses utensilios. Talvez os indios tivessem manejado um objecto semelhante ao que ora estudamos, num desses momentos de aperturas em que tudo serve para a defesa pessoal. O facto, presenciado pelo illustre botanico brasileiro, o teria induzido em erro. Convem attentar-se ainda que a fórma da pedra utilisada como arma de combate pelo gentio da Amazonia é um tanto diversa das nossas.